

TRIBUNA Livre

19
OUTUBRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LUGAR DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

Ninguém se iluda...

Sob este título lemos em prestigioso e insuspeito órgão de imprensa: «quem anda a pé pelas nossas aldeias e conversa com lavradores e trabalhadores rurais, quem anda pelas nossas universidades, liceus e escolas técnicas e conversa com professores e alunos, quem anda pelos vários colóquios...», é forçado a concluir que o público está cansado e desiludido — perigosamente cansado e desiludido — com a complexidade e emperramento e desfazamento da nossa máquina administrativa, em especial nos sectores económico, social e assistencial».

Depois de outras considerações condizentes com aquele pensamento o articulista termina: «Não deixem os optimistas de reparar no que aconteceu na recente campanha eleitoral do Delgado — e noutras mais recentes ocasiões de solavanco: quantos, então, permaneceram fieis e firmes, quantos abertamente se expuseram na luta pelo Regime, pelo Gover-

no, por Salazar, dos muitos que antes apareciam, e depois voltaram a aparecer? — quantos? — e não haverá cada vez menos, até pela forma como depois têm sido tratados?

Quando se expuseram pelo Regime, pelo Governo e Salazar, dos muitos que antes apareciam e depois tornaram a aparecer? — perguntamos também, e também acrescentamos:

e não haverá cada vez menos, até pela forma como depois têm sido tratados?

Já se não sabe, porém, o que mais admirar, se a traição aos princípios de alguns que menosprezam os melhores de entre os seus, se a passividade de quem deveria tomar providências ao ter conhecimento do clamor dos

(Continua na 4.ª página)

SABEDORIA

Confunde-se sabedoria com sapiência; sábio com cientista. Sabedoria não quer dizer ciência. Ter sabedoria não consiste em armazenar conhecimentos, mas em saber fazer uso dos que possui. Há cientistas que não são sábios e sábios que não são cientistas. Entre uns e outros é preferível ser sábio; este, por natureza, é tolerante, não renega a vida, compreende-a; não se perde

em altitudes nem em profundidades, consegue manter-se no meio termo do bom senso; não especula com a ciência, mas tira dela proveito; não vive de sonhos, quimeras, fantasias; — gosa-as como deleite espiritual, quando agradáveis; não se perde em contemplações vãs, esforça-se por merecer a parte que lhe coube nas distribuições das prendas a que todos os dignos têm direito.

A sabedoria, disse um sensato moralista «impede crer em tudo que se ouve, fazer tudo o que se pode, dizer tudo o que se sabe e dispendir tudo o que se tem».

Assim se deve compreender o uso da razão e do que se aprende pelo estudo e pela experiência. Não invejemos, portanto, os que se julgam sábios, quando são apenas sábios. Há cérebros carregados de ciência e pobres — de senso. No estudo biográfico de grandes figuras do pensamento fica-se pasmo das incoerências entre o que eles pensaram ou escre-

(Continua na 4.ª página)

As Festas a Santo António e do concelho

Depois de se manterem ininterruptamente durante muito tempo, sustentando uma tradição que muito nos honra e que tanto prestigiava o concelho, as Festas a Santo António, consideradas pelo próprio Município como Festas do Concelho, não se realizaram este ano.

Os responsáveis sentiram-se impotentes para arcar com a sua realização e os carolas de sempre, confiando nos outros, viram-se traídos nas conclusões.

Mas as Festas não podem morrer e se para sua realização tem de se recorrer aos nomes de sempre, vá para a frente esse apelo e realizem-

-se as Festas. Ainda há pouco referimos que as nossas Instituições vivem uma época de vitalidade, o que quer dizer que mais uma vez o bairrismo não afrouxa nem se deixa domidar pela apatia de uns tantos.

As Festas são cenário grandioso que queremos ver passar em frente dos nossos olhos todos os anos e são cartaz vivo que nos dilata as fronteiras do conhecimento.

As de próximo ano, se assim o quisessem, podiam ter como um dos seus números mais significativos a inauguração dos muitos melhora-

(Continua na 4.ª página)

Tomaram Posse os novos Presidente e vice-Presidente da Câmara de Vieira do Minho

No passado dia 15 por volta das 18 horas, no Governo Civil de Braga, tomaram posse os novos presidente e vice-presidente da Câmara de Vieira, respectivamente, srs. dr. Boaventura Fernandes, funcionário da Intendência da Pecuária de Braga, e Domingos José Barbosa Pereira, funcionário judicial de Vieira.

A cerimónia teve a presença dos elementos mais representativos do Concelho de Vieira, ou seja, o presidente do Município cessante, presi-

dente, vice-presidente e vogais da Comissão Concelhia da União Nacional, Arcipreste do Concelho e membros do clero, advogados, médicos, funcionários, comerciantes, industriais, etc. Do Distrito encontravam-se também presentes diferentes individualidades entre as quais os srs. dr. João da Mota Pereira de Campos, antigo Secretário de Estado da Agricultura, dr. Soares da Silva, dr. António José da Costa, dr. Almeida Soares, Padre Albino José Fernandes Alves, vários presidentes de Câmara, etc.

Lido o auto de posse usou da palavra o sr. Governador Civil que prestou homenagem aos Magistrados cessantes e em seguida ilogiou os empossados, salientando a figura do novo presidente, um novo cheio de qualidades e de vontade.

No final o sr. dr. Boaventura Fernandes usou da palavra para agradecer as referências que lhe haviam sido feitas e para vincar a sua vontade em acertar e fazer todo o possível pelo concelho de onde é natural e cujo progresso deseja com o maior entusiasmo.

Luanda, cabeça e pulmão de Angola

Qual é a população de Luanda? Habitado talvez a lidar com os jornalistas norte-americanos que nos últimos dois anos têm sido enxame em Angola, um alto funcionário administrativo, a quem faço esta pergunta, responde-me tranquilamente, sem vacilar: — «Quatro-

centas mil almas...» Não pode ser. Julgo que graça. E insisto: — «Não. A sério... Qual é, hoje, a população de Luanda? Mas ele parece convencido, ao teimar: — «Quatrocentas mil almas...»

Desisto de obter uma resposta que se aproxime da verdade. E nem sequer lhe digo que para uma província, como Angola, com uma população de menos de seis milhões de almas e que vive muito mais da agricultura — industrializada e não industrializada — do que verdadeiramente da indústria ou do subsolo, seria um sintoma de alarmante desequilíbrio económico e social ter em Luanda quatrocentas mil almas.

Em 1960 avaliava-se a população de Luanda em duzentas mil almas. Os europeus seriam, então, uns cinquenta mil. E afirmava-se — com largo exagero, quanto

Continua na 4.ª página

Fiscalização de Vinhos

Foi nomeado agente de Fiscalização da comissão de Vinhos Verdes neste concelho, o senhor Fernando Araújo Magalhães, zeloso funcionário do Grémio da Lavou-

ra. Registamos com agrado esta nomeação e esperamos por parte dos viticultores no cumprimento do seu dever, facilitando deste modo a acção daquele agente, para que o cumprimento da lei se faça com agrado de todos.

LENDAS DE PORTUGAL

Acaba de sair mais um tomo — o número 9 — desta curiosa obra, publicada com toda a regularidade pela «EDITORIAL UNIVERSUS».

Repositório magnífico das mais interessantes histórias populares de todos os tempos, que ficaram na tradição oral da nossa gente, o tomo em referência contém três lendas completas e outra quase completa, todas elas valorizadas por ilustrações primorosas, da autoria de

artistas plásticos de reputação feita.

As quatro histórias contadas com a maior e a mais expressiva singeleza pelo autor da obra, o escritor Gentil Marques, tem as seguintes designações: Santa Comba Dão, Qual Delas, Cadima e Aroches. Os temas assinalam aquilo que de maravilhoso o génio do Povo criou e inventou, com a ternura simples que põe

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRICOLA

A AMENDOEIRA CONCENTRADO

de tomate

A cultura da amendoeira, por força das suas exigências de natureza climática, circunscreve-se a zonas de latitude compreendida entre 30 a 45 graus de latitude norte, sendo-lhe particularmente favoráveis toda a bacia mediterrânica, pela suavidade do clima que caracteriza toda esta zona; invernos suaves, primaveras pouco chuvosas.

Porque se trata de uma espécie particularmente sensível aos frios e às geadas e em que o fenómeno da floração se processa durante o período invernal, a frutificação é por vezes profundamente afectada, em consequência de condições climáticas desfavoráveis.

Uma noite de geada é por vezes suficiente para comprometer e destruir toda uma colheita. As geadas primaveris, em especial, causam-lhe sérios danos.

A amendoeira necessita de um clima quente e seco sem grandes oscilações térmicas, beneficiando de exposições abrigadas dos ventos frios.

Temperaturas de 2°, 8 destroem percentagem elevada de flores e os frutos recentemente vingados, ainda mais sensíveis, não resistem, por vezes, a temperaturas de um grau negativo.

É frequente a amendoeira acompanhar as culturas da oliveira e da vinha, mas em latitudes elevadas a sua vegetação é contrariada e a frutificação prejudicada pela frequente ocorrência de geadas primaveris.

Relativamente a solos, e embora prefira terrenos de aluvião, profundos, permeáveis, leves e secos, de natureza sílico-argilo-calcárea ou areno-calcárea adapta-se todavia, bem a terrenos de naturezas diversas, quando não excessivamente húmidos, argilosos e mal drenados, em que principalmente são de recear os ataques de gomose.

Nos terrenos calcáreos

as produções as produções são melhores e mais abundantes, sendo as variedades molaes e cocas as mais exigentes e as reservadas para terrenos de maior fertilidade e melhor constituição físico-química. Os terrenos graníticos e os siliciosos, de boa permeabilidade, são-lhe igualmente favoráveis.

Infelizmente nem sempre são estes factores levados em consideração na implantação dum amendoal, e por isso também os resultados nem sempre são auspiciosos.

Tratando-se de uma espécie que ocupa o primeiro lugar no nosso comércio de exportação de frutas e o quarto no da exportação mundial do produto, parece que ao seu cultivo se deveriam dedicar maiores cuidados e técnicas mais adequadas com vista ao seu máximo rendimento.

Quer no Algarve, quer em Trás-os-Montes e Alto-Douro, nossas principais regiões produtoras, a amendoeira vegeta, não raras vezes, em condições precárias: plantações desordenadas, promiscuidade de variedades (algumas boas, outras nitidamente más) solos medíocres, declivosos, na sua grande maioria de encosta ou semi-encosta, escavados, desde longa data à acção destruidora da erosão, escassez ou ausência de amanhos culturais, para citar apenas alguns

dos males de que a cultura enferma, eis o ambiente que em não muito poucos casos se processa a cultura da amendoeira em Portugal.

Não admira, portanto, que sejam baixas as produções unitárias e baixo também o rendimento por hectare, sendo legítimo perguntar se a amendoeira produz pouco por não dispor das condições mínimas indispensáveis ao seu pleno rendimento ou, se por as produções não serem compensadoras, se lhes regateia esse mínimo de condições.

É nossa convicção não ser difícil, e muito menos impossível, sair deste ciclo vicioso.

Evidentemente que de vários recursos haverá que lançar mão para se conseguir uma apreciável melhoria do nível cultural, para que em boa verdade se poderia e deveria caminhar, apontando-se como principais os seguintes:

1) — escolha de zonas com adequadas características edafoclimáticas; 2) — selecção das melhores castas, sob o ponto de vista da produtividade, rendimento em miolo, compatibilidade e assegurada adaptação às condições ecológicas locais; 3) — redução do número de variedades cultivadas em cada região (2 a 3 castas por hectare seriam suficientes); 4) — ordenamento das plantações

O concentrado de tomate ocupa hoje na economia nacional lugar de certa importância, sendo um exemplo vivo de quanto pode ser vantajosa, para essa mesma economia, uma bem orientada industrialização dos produtos da terra.

Cursos de Preparação Caseira de Conservas de Frutos e Produtos Hortícolas

Organizados pela Junta Nacional das Frutas, efectuaram-se este ano, nos meses de Junho e Julho, mais dois cursos de preparação caseira de conservas de frutos e produtos hortícolas, ambos ministrados pela eng. Agrónoma D. Maria da Conceição Nobre Capela.

O primeiro destes cursos foi realizado na Escola D. Luiz de Castro, de Agentes de Educação Familiar Rural, em Tenões - Braga, e a ele assistiram não só as alunas da escola, como também muitas senhoras da região, em número de 70, que se mostraram muito interessadas nas lições e demonstrações efectuadas.

O segundo teve lugar em Odemira, por solicitação do Grémio da Lavoura local, registando igualmente bastante afluência.

com adopção das distâncias mais convenientes de acordo com o porte das árvores e as características do solo; 5) — racionalização mecanização e melhoramento das técnicas do cultivo.

Estas e outras medidas que se viessem a adoptar contribuiriam para uma melhoria das actuais condições e consequente elevação do rendimento por unidade de superfície, benefício de que se torna desnecessário encarecer as vantagens.

A indústria de concentrados que em 1945 estava limitada a 4 fábricas com 4 linhas de fabrico a produzirem 800 toneladas, dispõe hoje de 10 unidades fabris com 29 modernas linhas de fabrico, lançando no mercado anualmente cerca de 27.500 toneladas de produto, com um valor aproximado de 165.000 contos!

Paralelamente desenvolveu-se muitíssimo a produção agrícola para abastecer esta indústria, a ponto de se passar — apenas em 5 anos — de 20.000 toneladas anuais, que tanto foi o que se produziu em 1957, para 140.000 toneladas em 1962!

Dado o bom nível de qualidade do nosso produto, a exportação intensificou-se também acentuadamente, quase duplicando nos últimos 5 anos.

São alguns milhares de contos que se exportam anualmente para os mais diversos mercados mundiais, figurando à cabeça dos nossos compradores: a Inglaterra, o Canadá, a Noruega, os Estados Unidos, a África do Sul, a Dinamarca e o Japão.

Por outro lado, porém, o consumo interno do concentrado não acompanha ainda a vulgarização que este produto conhece no estrangeiro e que o seu valor plenamente justificaria.

A razão de ser deste facto reside certamente no desconhecimento das reais propriedades e vantagens do produto, agravado ainda pela natural desconfiança que as antigas massas salgadas preparadas sem qualquer higiene, despertavam muito justificadamente no consumidor.

As coisas mudaram e hoje esse consumidor dispõe de um produto de inteira confiança de rápida e cómoda utilização que, dados os cuidados da sua preparação, conserva todas as propriedades do tomate fresco, alargando o consumo áqueles meses que este não aparece no mercado.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

VENDE-SE

Casa de lojas e 1.º andar com vinha. Oliveiras, Laranjal e outras fruteiras — e bouça da Boa Vista com bom mato e toda morada

Tratados no lugar do Pilar - Fiscal (Amares)

Trata: Augusto R. Macedo

Travessa Mato Grosso, 43 - A

LISBOA - 2

TRIBUNA do CONCELHO

Contrato de trabalho ou CONTRATO DE EMPREGO?

A atenção que tem sido prestada às críticas feitas à Lei n.º 1952, de 10 de Março de 1937, ao projecto de proposta de Lei n.º 517, e ao parecer da Câmara Corporativa sobre esse texto emanado pelo Governo da Nação, evidencia que o regime de *contrato de trabalho* continua a estar na ordem das preocupações de carácter geral. Existe agora maior e mais viva expectativa perante a publicação, superiormente anunciada, de um documento que resolva a contento dos trabalhadores todos os problemas pendentes e que signifique um progresso na legislação, no direito e na justiça social.

Lê-se, efectivamente, no notável discurso que Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social proferiu em 28 de Dezembro de 1962, a firme promessa de que ainda em 1963 seja dada:

«...à regulamentação do direito do trabalho, tanto processual como substantivo, uma nova estrutura de base que abrangerá possivelmente todas as actividades. Trata-se de uma necessidade que de há muito se fazia sentir e a que só agora estamos em condições de dar satisfação. Os estudos empreendidos revelam-se francamente animadores, permitindo eventualmente que o ano de 1963 fique assinalado na história do nosso direito pela publicação de dois novos diplomas fundamentais no domínio do processo e da regulamentação do trabalho, substituindo, em nova codificação, os textos actualmente em vigor» (1).

Na medida em que a legislação progredir, necessariamente evoluirá para tornar mais nítido e mais claro o conceito de trabalho que, até agora indefinido ou menos definido, chegava a perder-se entre atributos de frases enganosas. Objectará com sua razão o comparativista que nas legislações estrangeiras o mesmo tem acontecido a um conceito que dificilmente se separa com relevo doutrinário de textos promissores ou reivindicativos, aliás próprios das épocas perturbadas por convulsões sociais.

É corrente a expressão «contrato de trabalho», na qual o acto jurídico bilateral recebe por contiguidade a palavra designativa de uma noção imprecisa. Se não nos deixarmos, porém, submeter à necessidade dos lugares-comuns, e quisermos dar à

realidade o seu devido nome, reconheceremos que, na maior parte dos casos, a legislação trata de um «contrato de emprego», com todos os vínculos recíprocos de empregado a empresário, e não apenas da simples e linear prestação de trabalho, equiparável a uma mercadoria. O empregado continua a manter essa qualidade nos dias em que não trabalha (domingos, feriados, férias, licenças, doença, etc.). Aliás a oposição empregado-desempregado ilumina a situação real do verdadeiro contrato dignificante para o trabalhador.

Há também quem confunda profissão com emprego, e essa confusão é por vezes lastimável, como se observa nas formalidades burocráticas para obter o bilhete de identidade no Arquivo de Identificação Civil.

A distinção entre empregado e assalariado, como a entre trabalhador intelectual e trabalhador manual, não são provenientes de critérios certos, porque o salário é, como a gorjeta, um modo de remuneração, e porque na prática não há trabalho intelectual que não tenha a sua expressão manual, ou vice-versa.

Se bem que as questões de nomenclatura pareçam de mínima importância a vários estudiosos, certo é que há sempre proveito em acertar o legal com o real, ou com o nacional, porque desse modo se evitam alguns desagradáveis recursos a interpretações capciosas.

Este breve apontamento, redigido em vésperas do dia 23 de Setembro, aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional, destina-se, pela sua leal modéstia, a propor apenas à reflexão dos mais competentes uma questão que naturalmente se intercala na série sistematizada dos vários problemas a resolver pela legislação do porvir.

UM INCÊNDIO

destruiu parcialmente uma corte de gado

Rendufe, — Deflagrou um incêndio numa corte do gado, pertencente à viúva, Joaquina de Jesus Ferreira, no lugar S. Fins, Rendufe.

Os prejuízos foram calculados em 2.000\$00.

A viúva depois na luta contra o incêndio ficou bastante queimada no braço e mão direita.

1.ª Publicação

Tribuna Livre, 19-10-1963



Tribunal Judicial

DE

VILA VERDE

ANÚNCIO

Pela 2.ª secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos de Arminda Vilela de Sousa, viúva, proprietária, da freguesia de Barbudo, desta comarca; José Pimentel Soares Nogueira e mulher Elvira Pereira Pimentel, do lugar da Bouça; Rosa de Jesus Soares Nogueira e marido José dos Santos Marques, do lugar do Casal; Américo Pimentel Soares Nogueira, solteiro, maior, do lugar de Sá; Francisco de Oliveira Soares Nogueira, solteiro, maior, do mesmo lugar; Abel Soares Nogueira, solteiro, maior, proprietário, do mesmo lugar; todos da freguesia de Gême, desta comarca; Manuel de Oliveira Soares Nogueira, solteiro, maior, desta vila; Maria de Jesus Soares Nogueira, solteira, maior, desta vila; Carolina de Oliveira Nogueira, viúva, desta vila; Maria de Sousa Nogueira e marido Aníbal Gomes Peixoto, desta vila; Rosa de Oliveira Soares Nogueira e marido João Martins Alves, moradores no Bairro da Saúde, na vila de São João da Madeira, comarca de Oliveira de Azemeis; Rogério de Oliveira Soares Nogueira e esposa Maria Luíza Violante Dias Nogueira; António Soares Nogueira e mulher Rosa Natália Ferreira, estes moradores na rua Formosa N.º 348, da cidade do Porto; e Fernando de Oliveira Soares Nogueira, solteiro, maior, ausente no Brasil, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na acção de divisão de causa comum que Arminda Vilela de Sousa, já identificada, move contra os restantes indivíduos, acima mencionados.

Vila Verde, 4 de Outubro de 1963

O escrivão de Direito da 2.ª secção,

(a) António Monteiro

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(a) Manuel Augusto Gama Prazeres

Foi pedido auxílio aos Bombeiros V. de Amares, que apareceram sem demora extinguindo o incêndio em curto espaço de tempo.

Assis Chateaubriand, um grande Brasileiro

Portugal acaba de prestar justíssima homenagem ao jornalista Assis Chateaubriand, fundador dos «Diários e Emissoras Associados», concedendo-lhe a Grã Cruz da Ordem Militar de Cristo.

A cerimónia da entrega das insígnias, que para o efeito se realizou na Embaixada de Portugal, reuniu quanto de mais representativo há em todo o Rio de Janeiro no jornalismo, na literatura, na diplomacia, no Parlamento, nas Forças Armadas e na sociedade. O palácio da nossa embaixada viveu uma noite de brilho excepcional, pelo carinho com que organizou a recepção de homenagem a Assis Chateaubriand.

Nas breves mas expressivas palavras com que antecedeu a entrega da condecoração, o embaixador João de Deus Ramos afirmou que Chateaubriand «há-de ficar no mundo dos grandes, entre os grandes do Brasil». E acrescentou que ele foi grande no jornalismo, na literatura, na política e na diplomacia.

Não há nestas palavras mais que elementar justiça. David Nasser, num livro em que conta a sua vida, trata-o de «Grande Capitão». De facto, um homem que fundou o maior grupo de publicações e emissoras da América do Sul—27 jornais, 6 revistas, 32 emissoras de rádio, 9 de televisão e uma agência de notícias; que mereceu um lugar na Academia Brasileira de Letras; que foi senador da República e que representou o seu país na Corte da Grã-Bretanha, foi indiscutivelmente um homem grande. Mas há ainda algo mais a citar: Assis Chateaubriand entrou também no campo do comércio, da indústria e da agricultura. Organizou empresas, desenvolveu indústrias, estimulou culturas — especialmente as do café e do algodão. Ao todo, anda por seis dezenas as suas empresas. Em todas elas, a marca da sua personalidade: grandeza. E as suas campanhas? Tantas, que se tornam inumeráveis. Mas não se pode deixar de citar a que levou à criação do Museu de Arte Moderna, instalado no edifício dos «Diários Associados», em São Paulo.

Em relação a Portugal e aos portugueses, não há quem desconheça a amizade e o apoio de Assis Chateaubriand. Os seus directores

e chefes de serviços, em jornais e emissoras, têm ordem de dar sempre relevo a tudo quanto se refira a Portugal. E sem qualquer interesse, sem qualquer contrapartida material. O que vale, para ele, é a sua grande amizade pelo nosso país, a sua enorme afeição pela gente lusa e pela nossa história. Não será necessário recordar quanto Assis Chateaubriand, através das suas organizações jornalísticas, tem defendido os interesses de Portugal contra enimizades e incompreensões.

Mas Assis Chateaubriand, que foi grande na acção e no pensamento, também é grande na adversidade. Retido a um carro de rodas pela doença que o atingiu há três anos, paralisado nos movimentos e quase sem poder fazer ouvir a voz que tantas vezes abalou o Parlamento e as assembleias, ele continua a escrever os seus magistrais artigos, embora o faça com um só dedo de uma só mão. E a sua coragem é tão admirável que ainda agora, quando o embaixador de Portugal lhe manifestou o desejo de se deslocar a São Paulo para na sua residência (a famosa «Casa Amarela») lhe entregar a distinção honorífica, Chateaubriand preferiu, ele próprio, deslocar-se ao Rio, para, no palácio da nossa embaixada, receber a condecoração.

Não cabe num breve artigo mais que ligeira síntese sobre tão extraordinária personalidade. David Nasser escreveu um livro com perto de duas mil páginas. Mas para contar tudo quanto se pudessem dizer sobre a figura e a obra de Assis Chateaubriand seriam precisos vários volumes de muitos milhares de páginas. Não há a menor dúvida de que ele é um dos grandes, entre os maiores do Brasil.—ANI

HUMORISMO

Anedotas

Conversa entre canibais

—Pai, o que é aquele bicho que vai lá no alto?

—Avião, meu filho

—O que é avião?

—É uma espécie de lagosta, filho. Por fora é um pouco duro, mas o recheio é uma delícia.

O Petróleo avança na Europa

A fonte de energia cada vez mais importante — Novos oleodutos de Trieste para o Sul da Alemanha

Dentro dos próximos dez anos o consumo da energia nos países da Comunidade Económica Europeia aumentará de 85 por cento. No mesmo período a participação do petróleo, de actualmente 30 por cento, excederá 50 por cento. Significa isto que num futuro previsível o petróleo passará a ser a mais importante fonte de energia na comunidade Económica Europeia. Como, porém, as jazidas de petróleo da Europa Ocidental já não bastam, há muito, para cobrir a procura, será indispensável elevar consideravelmente as importações dos países que dispõem de excedentes de petróleo. Aliás, as companhias dos países da Europa Ocidental já se empenham há anos intensamente por descobrir novas jazidas. A República Federal da Alemanha, que na Europa Ocidental ocupa de longe, o primeiro lugar na produção de petróleo, realizou progressos importantes: a produção subiu de 3,4 milhões de toneladas no ano de 1959 para nada menos de 8,8 milhões de toneladas no ano de 1962.

Apesar deste aumento considerável, a República Federal da Alemanha importou no ano passado 33 milhões de toneladas de petróleo no valor de 2,6 bilhões de marcos, ou sejam 600 milhões de dólares, o que corresponde a cerca de cinco por cento do total das suas importações. A produção e as importações de petróleo

não constituem as principais preocupações dos especialistas europeus no domínio da energia. Figura, sob este aspecto em primeiro lugar o transporte racional do petróleo. Quanto ao transporte a grande distância as discussões chegaram a bom termo: não há meio de transporte algum pelo qual se possa transportar petróleo em condições mais económicas do que com os superpetroleiros. Este ramo de navegação desenvolve-se em todo o mundo com uma rapidez que ainda não atingiu o seu apogeu.

A importância dos superpetroleiros para o transporte do petróleo a grandes distâncias é igualada pelos oleodutos no que diz respeito aos transportes interiores. Neste contexto oferecem-se à Europa Ocidental, em primeiro lugar os portos Mediterrâneo como pontos de partida dos oleodutos. Estes portos encontram-se em certa proximidade dos principais países fornecedores no Próximo Oriente.

SABEDORIA

(Continuação da 1.ª página)

veram e o que praticaram.

Seriam todos grandes sábios na verdadeira acepção, se conseguissem realizar o escopo coordenador de ciência e sabedoria, como fizeram alguns poucos exemplares do passado distante, entre os quais poderia, certamente, colocar Sócrates e Epictetos.

Devemos, pois, dirigir os nossos passos com sabedoria e não apenas com sapiência; estudar para saber, na certeza entretanto, de que não vale mais quem sabe mas sim quem saber.

Estude, leitor amigo, aumente cada dia o seu cabedal de conhecimentos. Raciocine, não aceite como verdadeiros os postulados que só se impõe pela tradição, pela força do «ouvi dizer», pelo prestígio de quem disse ou pelo peso dos séculos. Medite, e só assim encontrará verdades que o satisficam e que a cutros passarão despercebidas.

«É preciso ter-se estudado muito para se saber um pouco», disse Montesquieu. É preciso fazer bom uso da razão, do senso, e do que se sabe, para entrar no legítimo reino da sabedoria.

Não se esqueça, porém, este último conceito, de todos o mais incisivo: «Aquele que aprende as regras de sabedoria e não as pratica, assemelha-se ao camponês que ara o seu campo e não o semeia».

Visado pela Censura

Lendas de Portugal

(Continuação da 1.ª página)

em relevo as facetas mais nobres das suas crenças, da sua imaginação — da sua força anímica.

A fé, o amor, são os fulcros dessas histórias entrecidas e maravilhosas; mas nelas o que perpassa, como sopro de beleza, é sempre, embora em formas diversas, a lição moral, que engrandece e delinea a própria alma da gente portuguesa.

A obra em referência tem ainda a valorizá-la notas explicativas muito interessantes — e impõe-se pelo esmero gráfico, pelo papel especial em que é impressa.

Coletânea preciosa da história fabulosa da nossa gente de povo trabalhador e crente — Lendas de Portugal — é obra que se lê com gosto e se guarda — para ser relida em todas as ocasiões.

S.to António

(Continuação da 1.ª página)

mentos que se aprontaram ou estão a aprontar, embora nesta terra seja costume não proceder à inauguração das muitas realizações levadas a cabo.

A gente nova, que nos últimos anos tomou para si o facho da realização, tem de o tomar novamente certa de que lhe não faltará o apoio daqueles que costumam contribuir para que tudo se faça.

As nossas páginas colocam-se como sempre ao serviço desta realização, como sempre estão ao lado do que seja fazer algo de útil e construtivo.

TERRAS DO BOURO

NO ESPÍRITO DE

Manuel Augusto B. Marques

(Continuação da 6.ª página)

os seus nomes numas listas, candidatando-se, novamente, à presidência da Junta de Freguesia.

Até que pontos chegam os atrevimentos dos homens sem escrúpulos ou de má índole.

Caros Eleitores: reuni-vos, familiarmente, no adro da vossa Igreja, em conjunto com o vosso Pároco, e sabeis escolher para a Junta da vossa Freguesia, não os homens, mas sim as suas qualidades; e, se tinheis na junta da vossa freguesia homens honestos, prestáveis e competentes, elegerdes, neste momento e sempre, enquanto as suas provas forem de valor social; pelo contrário, se tendes na Junta da vossa Freguesia algum dos homens acima acusados, escorraçai-

Luanda cabeça e pulmão de Angola

(Continuação da 1.ª página)

a mim — que nos «mucques» viviam para mais de cento e trinta mil pretos não assimilados.

Com a eclusão do terrorismo numerosos foram os europeus e os nativos que afluíram das regiões do Norte para Luanda — e ainda nem todos regressaram às suas fazendas. Novas indústrias se instalaram, entretanto, na capital de Angola, que exigiram novos contingentes de mão de obra especializada e não especializada. A cidade, indiscutivelmente, cresceu nos últimos dois ou três anos. Ergueram-se novos bairros residenciais. E de todos os barcos que chegam da Metrópole desembarcam, com a sua bagagem de esperanças, novas levadas de colonos. Também são muitos os soldados que, concluído aqui o seu tempo de serviço, preferem continuar em Angola, agora como civis. Não há dúvida, portanto, de que a população aumentou — mas não, com certeza, para mais do dobro. Andará hoje talvez por duzentos e cinquenta mil, no máximo. E assim é que estará certo. Essas levadas de colonos que chegam da Metrópole em todos os barcos — e até de avião — não devem considerar concluída a sua viagem ao chegarem a

Luanda: esta não passa de uma das portas de acesso a Angola. Porque Angola — a Angola portentosa com que sonham todos os que a procuram — está no interior, está no mato, está — como antigamente se dizia — no sertão. E é o sertão que tem de ser ocupado pelos colonos, se quisermos que Angola seja cada vez mais portuguesa.

Avistada das janelas do meu hotel — com ar condicionado — Luanda deslumbra-me. Ao longo da Avenida Marginal, três ou quatro edifícios — sobretudo um em vias de conclusão — já lembram arranha-céus. Por toda a parte baixa da cidade ergueram-se, nos últimos anos, prédios magníficos, para estabelecimentos comerciais e para escritórios. Nas «barrocas», onde quer que o declive e a escorregadia terra cor de sangue permitiram que se abrissem alcerces, levantaram-se moradias, debruçadas, com os seus jardins, para o mar. E, lá para dentro, os ibomdeiros vão desaparecendo, urbaniza-se o deserto, rasgam-se avenidas onde não havia senão raras plantas copinhecas ou a desgarrada palhota de algum indígena amante do isolamento.

Sim. Luanda cresce e com um rompante, com uma pujança, que nos empolgam. Mas eu ficaria inquieto, se chegassem a convencer-me de que a sua população é já hoje — como pretendia aquele alto funcionário — de quatrocentas mil almas.

Luanda tem de crescer, mas em sincronização perfeita com Angola, de que é simultaneamente, pulmão e cabeça.

Depois, quando houver em Angola vinte milhões de habitantes — e em Angola há lugar para sessenta milhões — então Luanda terá todo o direito a uma população de um milhão de almas, pelo menos. — ANI

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião — ano 50\$00
Semestre 25\$00
Barco — ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião — ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco — ano 80\$00
Semestre 40\$00

Estrangeiro

Avião — ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco — ano 80\$00
Semestre 40\$00

Manuel A. B. Marques

Ninguém se iludo

(Continuação da 1.ª página)

descontentes ou queixosos.

Já nem mesmo a denuncia daqueles casos clamorosos que não merecem contestação dá origem a qualquer reacção.

A quando do último acto eleitoral houve uma vacilação evidente de muitos, já não falando da deserção total de alguns. Pertencem à série dos que anunciam sempre no dia seguinte a queda de um Regime que tinham virado no dia anterior por compreenderem que estavam enganados. No último acto eleitoral estiveram à espera e quando viram que tal se não ia verificar acorreram a mostrar-se.

Os que se expuseram decididamente encontraram-se no seio desses elementos e dos declaradamente oposicionistas. Estes apareceram provocadores e violentos, ameaçadores, terroristas.

A posição decidida do autor destas linhas deu-lhe o ensejo de presenciar actos e atitudes que, comparadas ao que hoje se vê, dariam para publicar um livro cheio de interesse.

Noticiário Nacional e Internacional

«Quem não for Português não pode ser Moçambicano e para se ser Moçambicano tem de se ser Português» — afirmou o Governador Geral de Moçambique durante uma visita que fez ao povo chefe

Foi com estrondosos aplausos e as estridências das típicas timbilas que uma imensa multidão de chopos saudou o governador-geral de Moçambique, contra-almirante Sarmiento Rodrigues, na sua visita à região.

Milhares de chopos, das doze regedorias em que a tribu se divide, concentraram-se em Quissico, recebendo o governador-geral com vibrantes «baletes» — interjeição que significa «viva». Num discurso entusiástico, o regedor de Machatine exprimiu «os sentimentos de gratidão e de ardor patriótico» de todo o povo chopo, agradecendo «a Deus e a Salazar a paz e a plena liberdade que sempre tem existido».

E prosseguiu:

«Estaremos sempre prontos a acompanhar todos os portugueses para onde os destinos da Nação nos conduzam e a suprema direcção de Salazar nos oriente e leve.»

Respondendo, o governador Sarmiento Rodrigues historiou o clima de perfeita compreensão sempre existente desde os primeiros contactos dos portugueses com o povo chopo, «que há mais de 450 anos é português também, e que nunca conheceu outra nacionalidade».

«Moçambique é dos portugueses de todas as raças e de todas as religiões» — afirmou, depois. — «Quem não for português não pode ser Moçambicano e para se ser Moçambicano tem de se ser português.»

No final da cerimónia realizou-se um festival de música e de danças chopos, depois do que o contra-almirante Sarmiento Rodrigues abraçou o régulo Banguza, o mais idoso chefe presente, nele «abranchando assim — disse — todo o povo chopo».

Nova atoarda: «Mercenários», em Angola prontos a invadirem o Congo

Em referência a uma declaração, feita em Nairobi, pelo dirigente negro da Rodésia do Norte, Kenneth Kuanda, segundo a qual estariam concentrados no Norte de Angola 500 «mercenários» franceses, espanhóis, portugueses e sul-africanos, aguardando a retirada das tropas da ONU para invadirem a República de Leopoldville, círculos fidedignos autorizaram o correspondente da ANI a desmentir essa declaração, acentuando que até mesmo os poucos «mercenários» que estiveram ao serviço do Governo de Tchombé

e procuraram asilo em Angola, quando as forças da ONU invadiram a Catanga, foram imediata e totalmente enviados para os respectivos países de origem.

Está a realizar-se em Lisboa, com representantes de oitenta e quatro países, o congresso da Federação das agências de viagens

Cerca de seiscentos delegados representando oitenta e quatro países — entre os quais só faltaram três das cortinas de ferro e de bambú: a Albânia, a China Continental e a União Indiana — iniciaram em Lisboa os trabalhos do trigésimo sétimo Congresso da Federação das Agências de Viagens.

A forma como Portugal recebeu os congressistas, mesmo os oriundos dos países com que não mantém relações diplomáticas, foi salientada pelo presidente do Congresso, Jean Robert, numa reunião preparatória, no dia 11 efectuada.

A Imprensa acentua que a União Indiana não se inscreveu, apesar de não ter o Governo português recusado vistos de entrada aos seus delegados.

Descoberta uma pintura do século XIII

ITÁLIA. — Um fresco, representando uma cabeça de Cristo circundada pelos anjos, pintura dos primeiros anos do século XIII, foi descoberto durante os estudos de investigação, levados a efeito pelos frades dominicanos na Igreja de São Romano, em Lucca.

O fresco, parcialmente oculto por um painel, foi descoberto no fundo de um nicho e mede cerca de um metro de altura por metro e meio de largura.

Com todos, menos com Marte...

GENEBRA. — Em 1908, uma tal Madame Marc Guzman, senhora de nacionalidade francesa, deixou um legado de cem mil francos à primeira pessoa que «comunicasse com os habitantes de um corpo celeste, que não fosse o planeta Marte».

A importância — anuncia o boletim da União Internacional das Telecomunicações — foi confiada à guarda da Academia de Ciências francesa.

«Este prémio — prossegue — que evidentemente durante muito tempo foi considerado inatingível, agora talvez possa ser conquistado dentro de poucos anos.»

A notícia do boletim coincidiu com a inauguração da conferência das radiocomunicações espaciais, a que assistem mais de 450 cientistas e técnicos de 66 países.

Festival do cinema grego

GRÉCIA. — O filme helénico «A pequena Afrodite» obteve o primeiro prémio do festival do cinema grego, realizado em Salónica.

A primeira menção especial para filmes fora do concurso foi conferido à produção italiana «Il Sorpasso».

Presumível atentado contra BEN BELLA

Os jornalistas franceses publicaram notícias sobre a tentativa de assassinio de que teria sido vítima no domingo passado, o presidente Ben Bella. Mas a agência noticiosa francesa, numa declaração de Argel, diz que o Ministério da Informação argelina desmentiu esse atentado.

Na sua versão do incidente, «Le Figaro» diz que o atentado se verificou junto ao Hotel Alet, quando Ben Bella parou o seu automóvel depois de ter acompanhado o presidente da Libéria, numa visita ao porto.

«Le Figaro» diz que Ben Bella estava a abrir a porta do seu carro, quando um guarda o porfo o empurrou de novo para dentro da viatura que partiu a grande velocidade. Pôde então, ver-se um homem de camisa vermelha correndo atrás e brandindo uma pistola que não chegou a disparar.

A versão do Ministério da Informação argelino é que tudo não passou de distúrbios provocados por um homem embriagado.

Viagem presidencial a Angola e S. Tomé

Uma exposição no «Infante D. Henrique»

Em honra do Chefe do Estado, o arquitecto Mário de Oliveira apresentou ontem, no salão de fumo da primeira classe, uma exposição de trabalhos seus — óleos, aquarelas e desenhos de temas africanos, colhidos em Moçambique.

Abrindo o catálogo da exposição — que engloba um total de 44 trabalhos — o Secretário Nacional da Informação, dr. Moreira Baptista, escreveu:

«Todos os que tivemos a honra de viver entusiasmados e comovidos a trajetória histórica da visita presidencial a terras de Portugal metropolitano, há poucos momentos terminada, encontramos verdadeiramente oportuna esta homenagem do arquitecto Mário de Oliveira a Sua Ex.ª o Chefe do Estado. Se as gentes, o ambiente, a cor, os usos e os costumes são diferentes das terras que visitámos e dos homens e mulheres que vimos e conhecemos nos hábitos e nas suas tradições, a verdade é o que o

Foram julgados e condenados à revelia os assaltantes do avião da carreira

Casablanca-Lisboa

Vai ser pedida à Interpol a captura do ex-capitão do Exército Henrique Galvão e dos seus cúmplices, condenados agora no terceiro Juízo Criminal da Boa Hora por terem assaltado em Novembro de 1961 um avião português da carreira Casablanca-Lisboa, de que momentaneamente se apoderaram.

Este caso, julgado sob a presidência do juiz-corregedor Correia Barreto, teve como réus, além daquele antigo oficial do Exército, os seguintes incriminados: Hermínio da Palma Inácio, de 40 anos, de Ferragudo, concelho de Lagoa; Camilo Tavares Mortágua, de 27 anos, de Oliveira de Azeitameis; Amândio da Conceição Silva, de 24 anos, de Lisboa; Manuel Domingues Pinto, de 28 anos, de Canelos, Estarreja; Fernando Costa de Vasconcelos, de 22 anos, de Cedofeita Porto, e Maria Helena Vasconcelos Nunes Vidal, esposa deste, da mesma naturalidade. Todos foram julgados à revelia.

Henrique Galvão figura como autor moral e os outros como autores materiais de roubo e também sob a acusação de cárcere privado, pois mantiveram durante o voo, como seus prisioneiros, e sob a ameaça de armas de fogo, quer os tripulantes do avião, quer os passageiros.

Segundo o despacho de pro-

núncia, os réus tar-se-iam apoderado em pleno voo, no dia 9 de Novembro de 1961, do avião dos TAP, da carreira Casablanca-Lisboa, obrigando a tripulação, receosa pela segurança dos passageiros se oferecesse resistência, a obedecer aos réus, que utilizaram o aparelho para lançamento de propaganda subversiva sobre Lisboa, o Barreiro, Beja e Faro.

Em seguida, mandaram seguir o avião para Tanger, onde aguardava a sua chegada o réu Henrique Galvão.

AS PENAS A QUE FORAM CONDENADOS

No julgamento, a tripulação do avião limitou-se a confirmar os depoimentos que constam do processo. Prestaram, depois, esclarecimentos três guardas da PSP que recolheram panfletos lançados do aparelho.

Nos debates o ajudante do procurador da República, dr. Fernando Machado Soares, pediu para os réus o rigor do Código Penal.

O tribunal, depois de reunir em conferência, deu como provada toda a matéria criminal constante do despacho de pronúncia, pelo que condenou: Henrique Carlos Malta Galvão, que havia sido condenado no primeiro Juízo Criminal pelo assalto ao Pacote «Santa Maria» a 18 anos de prisão maior, com pena agravada, agora, para 24 anos de prisão maior, respectiva multa e dois mil escudos de imposto de justiça, passando a ser classificado como delinquente habitual; Hermínio da Palma Inácio, a 14 anos e meio de prisão maior; Camilo Tavares Mortágua (nas mesmas condições de Henrique Galvão e pelos mesmos factos (agravada a pena para 20 anos de prisão maior; Amândio da Conceição Silva, a 14 anos e meio de prisão maior; Manuel Domingues Pinto, Fernando Costa de Vasconcelos e sua mulher, a 14 anos de prisão maior, cada um, e todos com as respectivas multas e no mesmo imposto de Justiça.

Monografia de entre Homem e Cávado

Concelho de Amares e Terras de Bouro

Acaba de ser editado o III Volume da Monografia de Amares e Terras de Bouro. Todas as pessoas interessadas podem desde já requisitá-las

Visado pela C. de Censura

Tribuna Desportiva

Prossegue a disputa da Taça de Portugal em futebol: eram 42 equipas e só restam 11

Prosseguiu no passado domingo a disputa da Taça de Portugal em futebol, com os desafios a contar para a segunda eliminatória da segunda mão.

Os resultados foram os seguintes: Marinhense - Guimarães, 2-1; Futebol Clube do Porto-Leixões, 4-0; Boavista-Vitória de Setúbal, 2-2; Farnalhão-Montijo, 0-1; Belenenses-Beira Mar, 3-0; Sporting de Braga-CUF, 3-0; Farense-Salgueiros 1-1; Benfica-Vianense, 9-0; Académica-Varzim, 0-0; Lusitano-Atlético, 6-0.

Das 42 equipas que iniciaram a prova só restam neste momento 11. São estas o Sporting, o Benfica, os Belenenses, o Porto, a CUF, os Guimarães, o Setúbal, o Montijo, o Salgueiros, o Lusitano de Évora e o Varzim.

Grande Prémio do concurso de cavalos nacionais

Pedro Cansado Pais, montando «Simar», foi o vencedor absoluto do Grande Prémio do concurso reservado a cavalos nacionais, que domingo terminou. Foram quatro as jornadas.

O Lusitânia à frente de um torneio de futebol em Angra do Heroísmo

A contar para o torneio de preparação, em futebol, de Angra do Heroísmo registaram-se domingo os seguintes resultados: Marítimo, 3 — União, 2; Agrense, 10 — Juventude, 3; e Lusitânia, 4 — Praiense, 1.

Depois dos jogos de domingo o Lusitânia está à frente da classificação com 8 pontos, seguido pelo Marítimo com 7 e pelo Agrense com 5.

Futebolista Brasileiro para o Vitória de Setúbal

João Alves de Sousa, futebolista brasileiro, que jogava na União Desportiva de Belem do Pará, chegou a Lisboa a fim de ingressar na turma do Vitória de Setúbal.

O Sporting, vencedor do torneio de atletismo com o Natacion de Barcelona

O Sporting venceu o Torneio de Atletismo que disputou com o Natacion de Barcelona.

Durante as provas, o sportinguista José Rocha bateu o recorde nacional dos 200 metros pela marca de 21,3 segundos.

Igualmente, nos 100 metros, o mesmo atleta igualou o recorde nacional (10,6 segundos).

Prossegue o Campeonato Regional de Juniores, em futebol, na cidade de Lourenço Marques

Na primeira jornada da fase final do campeonato regional de juniores, em futebol, registaram-se os seguintes resultados: Ferroviário-Sporting, 7-0; Desportivo-Benfica, 7-2.

O Desportivo e o Ferroviário são os favoritos do torneio.

A Espanha ficou à frente da classificação final do torneio da Taça Latina de Hoquei em patins

No último jogo do torneio da Taça Latina de Hoquei em Patins, Portugal venceu a Itália por 3-0.

A classificação final ficou assim ordenada: Espanha, 6 pontos; Portugal, 4; Itália, 2; França, 0.

Terras do Bouro no espírito de

MANUEL AUGUSTO B. MARQUES

Muito embora contra os meus sugestivos desejos, vou pôr de parte o assunto que anunciei ser minha intenção tratar hoje aqui (assunto relacionado com a Feira de Covas), para enfim, me ocupar com um outro assunto, presentemente actualizado, e que julgo merecer cuidada e profunda meditação de todo o Povo, por ser a síntese do verdadeiro interesse da comunidade de uma Freguesia e de um concelho.

Nos últimos dias que vão decorrendo, os periódicos tornaram pública a notícia de que no próximo dia 27 vai proceder-se, em todas as freguesias da Nação Portuguesa, à realização de um Acto de suma importância e auspiciosa decisão, projectadas no bom funcionamento da Orgânica do Estado: — *eleições das Juntas de Freguesia*.

Sim, porque esta Orgânica tem a sua verdadeira origem no seio da Família, devidamente constituída, como um rio tem a sua origem na sua nascente; na Freguesia, moral e socialmente organizada e administrada; no concelho, politicamente bem representado, segundo a vontade e os lúdimos interesses dos seus munícipes.

Por todas estas razões, a Junta de uma Freguesia, leviana ou traiçoeiramente constituída, é sempre um fracasso e muitas vezes chega a ser também a causa de graves e tremendos dissabores e discórdias dentro da comunidade de uma freguesia; é uma rodagem, com eixo torcido e dentes partidos, a causar estridentes ruídos, com os seus defeituosos movimentos, quando engrena noutra rodagem (a Câmara Municipal) e que, por essa razão, necessita de urgente e cautelosa reparação e afinação, ou, melhor direi, de radical substituição.

Quem bem faz a cama bem nela se deita...

Este adágio popular deve adaptar-se, perfeitamente, ao próximo Acto Eleitoral, servindo de precaução a todos os eleitores.

É com bastante prazer que nós vamos notando, nestes últimos dias, em quase todos os povos, e mesmo nos mais humildes, um despertar de vida inerte em que alguns se encontravam, um reviver de interesses públicos, a preparação para um exame de consciência prudentemente preparado, precaução absoluta na escolha, possivelmente acertada, dos candidatos que amanhã hão-de constituir a Junta de Freguesia.

De facto, é assim que deve procurar proceder todo o eleitor cónscio das suas responsabilidades e da prática do seu dever, que se esforça por não errar, cumprindo

esse dever com zelo, com brio e com toda a honestidade.

Se os Homens chegassem um dia, devotadamente, à verdadeira compreensão de que o Acto Eleitoral é, de entre os vários actos humanos considerados graves e de aconselhável meditação, *um dos mais graves e de maior responsabilidade humana, então a paz, a harmonia, o progresso e o bem comum seriam, incontestavelmente, um facto real e universal*.

É com tristeza e repugnância que nós recordamos as doutrinas traiçoeiras de alguns homens públicos do século passado que, talvez orientados e contaminados por ideais e preconceitos erróneos e deletérios, atreveram-se, precipitadamente e sem reflexão escrupulosa, a soprar aos quatro ventos, falsas doutrinas e insidiosas aventuras, atacando todos os valores sagrados, incitando os povos para o erro e para o crime: — *igualdade!*... somos todos iguais!... diziam alguns dos parvajolas e imbecis racionais, que se julgavam homens... somente pelo facto de usarem calças..

Há de facto, na vida dos Povos, um momento de distinta e absoluta igualdade de valores, extensiva a todas as classes, a todos os ideais, a todas as pessoas e a todas as condições sociais (ricos e pobres): — *é o momento de Voto*.

Na balança de uma urna, tanto pesa o voto do letrado, como o voto do humilde; tanto pesa o voto do Chefe de Estado, como o voto do simples jornaleiro rural. Varia, porém, e de uma maneira extraordinária, e espantosa, a responsabilidade de voto ou a forma imprudente como se vota. Logo representa uma resolução crassa e gravíssima votar por descargo de consciência; votar por imposição ou incitação de pessoas corrompidas e desmoralizadas, que costumam, em ocasiões eleitorais, atravancar-se diante dos eleitores, magnetizando-os, como a cobra ao passarinho; votar, levado às urnas preso por laços infrenes, como asnos conduzidos pelo seu alquilador a uma feira, sem terem a consciência ou a menor reflexão de que, dentro daquela ferrugenta e tosca caixa de lata, vai colocar o pequeno papelucho, onde se acham impressos uns nomes, mas que, imprudentemente, pode comprometer a sua honra e a sua dignidade.

Por um voto se pode ganhar uma eleição; mas também por um voto se pode cavar a desgraça e a ruína de um povo...

Nestas ocasiões todos os pretensiosos e politiquinhos são simpáticos e prometedo-

res. Todavia isso... nada prova contra a existência de Deus...

Prudência, reflexão... e nada de precipitações...

Todo o candidato deve pôr à prova, francamente, a sua vida passada: as suas obras os seus interesses, as suas actividades, as suas diligências aplicadas com esforço junto das autoridades administrativas, pelejando sempre pelo interesse e bem comum, com o fim de superiorizar a sua freguesia, elevando a dignidade do seu Povo; pondo em primeiro plano do exercício das suas funções as classes menos protegidas pela sorte: — os pobres, os doentes e todos os necessitados de amparo.

São estes os principais predicados de um presidente da Junta de Freguesia.

Não faz sentido, não é humano, não pode ser admissível, haver dentro de uma freguesia um presidente de Junta que se esquive a prestar decidida e urgentemente, o seu auxílio a um desgraçado. É deveras vergonhoso, é uma baixaza ignominiosa para Terras de Bouro, ter de se afirmar aqui publicamente e com o fim de pôr de prevenção os incautos que, durante o último mandato das Juntas de Freguesia, houve alguns senhores presidentes (felizmente bem poucos) que, pervertidos pela tirania de seus hábitos, trataram o seu povo pior do que escravos, achincalhando (também por hábito próprio) qualquer humilde cidadão quando precisava de um simples atestado de pobre ou indigente, fazendo com que os desgraçados andassem horas e dias perdidos, como Cristo, da casa de Anás para a casa de Caifás... percorrendo uma grande soma de quilómetros, porque o Senhor Presidente da Junta de Freguesia raríssimas vezes permanecia na sua residência ou, propositadamente, marcava horas e sítios onde não aparecia jamais. Depois e, para complemento do seu despotismo, predominava o acostumado escárnio e achincalhadamente, como se o necessitado fosse um... bobo de circo... ao dispor do tirano...

Estes repugnantes factos (autênticos crimes) repetiram-se, algumas vezes, infelizmente, em algumas freguesias do nosso Concelho de Terras de Bouro.

Isto que se afirma não é pretensão acusatória, mas sim uma pura pretensão para pôr de sobreaviso os eleitores; porque eu sei muito bem que os autores destas vergonhosas proezas, hoje, como outrora, (sem vergonha, sem escrúpulos, sem dignidade e descaradamente) ainda se atrevem a apresentar

Continua na 2.ª página

Em Caires

Vende-se uma Quinta

Lugar do Paço, antiga Quinta da Eira

Com casa reconstruída; 5 divisões, casa de banho, Adega, lagar, seleiro, luz eléctrica, água; terra de cultivo, laranjal com 150 laranjeiras e outras árvores de fruta azeite para 2 anos por:

300 contos

Sujeito a oferta e respectiva mobília e vasilhame

Ver local indicado e tratar em Lisboa com Lourenço Batista, Mayer Bar

Telefone 368893—Lisboa